



ACTUALIDADE

Marinha atribui medalha a José de Azevedo para enaltecer as suas qualidades e agradecer o trabalho em prol da imagem da instituição **P. 5**

A Póvoa de Varzim é considerada uma zona vulnerável onde a utilização de adubos está regulamentada. Mas Alexandre Furtado, técnico da Horpozim, defende que a legislação está desactualizada e se os agricultores cumprissem à risca todas as leis, havia culturas que sumiam do mapa **P. 3**

Governo elogia trabalho do Mapadi **P. 6**

Câmara quer promover artesanato poveiro na Esplanada do Carvalho e estimular a criação de cooperativas de artesãos **P. 6**

Contas da Câmara e da Varzim Lazer aprovadas com o voto contra dos vereadores do PS **P. 4**

Idosos Poveiros aprendem ginástica oriental na Academia de Kung Fu **P. 9**

Páscoa
Tradições e programa **P. 4**

DESPORTO

Empate em Olhão não aqueceu nem arrefeceu **P. 10**

Fábrica do Quintas em demolição para dar lugar a prédios



Manoel João Barros

Uma empresa espanhola comprou à Quintas & Quintas o projecto imobiliário que estava aprovado para o terreno onde, durante décadas, funcionou a unidade de cordoaria. O investidor catalão apanhou o bónus construtivo que a Assembleia Municipal concedeu à empresa poveira como compensação para a retirada do centro da cidade. **P. 8**

Jogadores do Varzim trocaram treino por discussão sobre os seus salários

P. 10



Póvoa de Varzim
Vila do Conde
Esposende
Aguçadoura
Balazar
Vilarinho
Vilar do Pinheiro
Aver-o-Mar



Em Grupo
tudo se torna mais fácil.

www.creditagricola.pt



DO DIRECTOR

Manuel Frasco

As cerimónias da Sexta-feira Santa e da Páscoa

Sexta-feira Santa

Duas celebrações registadas imediatamente no calendário e no "sentimento" dos crentes, e tão separadas e distintas nas cerimónias que as distinguem: a primeira – a Sexta-feira Santa – plena de respeito e que se impõe pela tristeza que transporta; a segunda – o Domingo de Páscoa – repleta de alegria compartilhada, recheado de alacridade, de música, de satisfação...

Termos a veleidade de falar da Sexta-feira Santa sem referirmos as cerimónias que se realizam em Braga – sobretudo a Procissão do Enterro – só por que as efectuadas na Póvoa não possuem a sua grandiosidade impressionante, seria, no mínimo, indecoroso. Tanto mais que, fazendo fé no que Manuel Milhazes, juiz da Confraria do SS. Sacramento, declarou a este semanário "As nossas celebrações não ficam nada atrás das de Braga", cabendo, portanto, às pessoas que procuram essas cerimónias optarem por esta cidade ou aquela.

Embora os livros consultados não refiram particular-

mente a Procissão do Enterro, não impedimos a transcrição de algumas linhas. Diz Viriato Barbosa em 1937 "A cargo da 'Confraria do Santíssimo' ficavam as cerimónias da Semana Santa [inclusive a Procissão do Senhor Morto] (...) a qual saía sempre à rua, como ainda acontece nos nossos dias, na Sexta-feira Santa, de tarde [na actualidade, de noite], com todo o respeito". Por sua vez, Santos Graça escreveu em 1932: "As Procissões do Senhor dos Passos e do Senhor Morto são organizadas pela Irmandade da Misericórdia, nas quais se incorporam os seus irmãos, vestidos de preto, envergando os "baldraus" (capas pretas de seda ou cetim, propriedade de cada irmão. O andor do Senhor Morto é conduzido pelos clérigos mais novos."

E pronto. Sendo a Procissão do Enterro um dos pontos mais altos das cerimónias da Semana Santa, este "número" não mereceu maior atenção do que as linhas que transcrevemos.

Domingo de Páscoa

Não será por Santos Gra-

ça ter registado que a Páscoa "não difere grandemente da restante região minhota" (*O Poveiro – página 117*) que ela deixa de ser celebrada com grande ternura e fervor na Póvoa. O "figurino" será idêntico – "as casas lavam-se no sábado e os soalhos são, no domingo de Páscoa, cobertos de hera e flores..." – mas o "cenário" é diverso pois, como diz José de Azevedo, "na colmeia piscatória da Póvoa de Varzim todos são compadres" e ser compadre "...exprime a ideia de sincero afecto e respeito, um verdadeiro confidente e conselheiro em resoluções íntimas como se de um irmão consanguíneo se tratasse" (Histórias do Mar da Póvoa – Padrinhos e Afilhados). E a falta de lembrança do padrinho em relação às suas obrigações pesava imenso no cachopo, "...seria mesmo motivo de humilhação no meio e corte de relações durante a vida inteira...", se o padrinho faltasse com a "rosca" ao afilhado.

Por isso nos lembramos de ver, anos atrás, rapazinhos circulando, "garbosamente"

com a "rosca" de trigo enfiada pelo braço dentro ou ostentada ao peito, à maneira de um colar, "saboroso" troféu de uma batalha. Não sabemos se esse costume era apanágio de outras regiões (não temos o dom da ubiquidade, como Santo António, que estava em Pádua e em Lisboa ao mesmo tempo), e de resto, estamos a falar da Póvoa, pouco nos interessando, neste caso, o costume de outras terras.

Contudo, essa tradição pascoalina foi esmorecendo em virtude do aparecimento da rosca de pão de ló, a qual veio substituir a rosca de pão de trigo. Em breves anos esse costume [representando, a nosso ver, uma situação económica mais "abastada"] veio a ser substituído pelo envelope "guardando" uma ou duas notas "novinhas" e era um bom "usurpador" da tradicional rosca.

Costume que, como outros – o jogo da péla, por exemplo, se foi "transformando", adaptando-se à actualidade, ao presente, feito de diferentes realidades e procedimentos.



A Semana Santa dos meus tempos de miúdo

Luis Costa

É velho o aforismo RECORDAR É VIVER, e eu como estou na idade de recordar o que então vivi, para ver se é certa a máxima, vou ver se consigo viver, de novo, os meus tempos de juventude passados nessa encantadora cidade e princesa das praias de Portugal.

Por volta das décadas de vinte/trinta do século que ora findou, nessa Semana Santa ocorriam manifestações religiosas na Póvoa que ficaram gravadas no meu computador cerebral, que falha muitas vezes, atingido pelo vírus do esquecimento dos dois carros e um lustro de anos.

No entanto depois de uma lavagem pelo anti-virus, ainda consegui recuperar alguma coisa que, se tiverem a paciência de me aturar, narrá-las-ei. Assim no primeiro dia dessa semana, segunda-feira, nada me ocorre digno de menção. Já o mesmo não direi para os dias seguintes, pois estou a ver-me na Matriz para assistir aos ofícios das Trevas que se seguiam, parece-me, por três dias – terça, quarta e quinta.

"Cedo nos preparamos com um mascoto de pau ou martelo normal, pois na altura

própria do ofício religioso, com os paramentos que ornaram as paredes do templo, as sanefas, tudo recoberto de panos negros, altares despidos, tapados encobrindo as imagens, num luto pesado, a iluminação apagada esperamos as Trevas, que depois de apagadas todas as velas do grande candeieiro, seriam assinaladas pelo matraquear dos massetes, mascotos ou martelos com que rapaziada, furiosamente, investia no tablado do chão.

E uma ordem é dada pelo chefe da malta: – Mas é só, neste momento que a matulagem entra no templo. O adro é que nos vai servir de entretenimento, jogamos a "pincha", o "fica", a barra e tu, que está de plantão vai dar uma espreitadela a ver quantas velas a "mãozinha" que sairá do púlpito tem ainda de apagar: – Faltam ainda quatro, ainda temos tempo para uma "pinchada". Continuamos a jogar a pincha, ou vamos ao "fica"? Qualquer um, o que é preciso é passar o tempo: – Vai lá ver quantas faltam? – Só duas: – Então toca a ir lá para dentro e escolher o lugar onde uma pescadeira estiver alapada, mas com uma saia grande e com os chinelos ao lado."

Agora volto aos tempos de hoje, para explicar todas estas manobras. É que os malandrecos, no qual me incluía, tinham levado bem escondido nos bolsos das calças, junto do martelo, uns dois ou três pregos e com a escuridão quem pagava era a saia da pobre crente que ao levantar-se tinha a saia presa ao chão e os chinelos, na mesma.

"– Toca a fugir, (lá estou eu outra vez nos tempos da malandrice) senão ainda levo uma estalada. Desta escapei, mas amanhã, cá estou de novo!"

E era assim que os malandrinhos de então assistiam e gostavam do ofício das Trevas. Convínhamos que para nós, assim, a sagrada manifestação nada tinha de sagrado, era apenas uma brincadeira, agora digo "de mau gosto", mas naquele tempo, quem nos podia emendar? O polícia Forte, ou o seu chefe Pontes? Não, com os rapazes, diziam, "nem o diabo quer nada com eles!"

A solução do abuso-brincadeira, porque estava a passar "fora das malhas", encontrou-a a Comissão da Solenidades, mandando colocar ao centro do templo um quadrado limitado por quatro bancos

preguiceiros, dos usados para a doutrina, e dentro desse quadrado, era o lugar para a rapaziada.

"Hoje é quinta-feira (lá volto a viver os tempos passados) e estou na Praça do Almada, no terreiro fronteiro à Câmara. Os marchantes da vila primam, em cortejo mostrar o gado que será sacrificado, amanhã "dia de verde", para a grande matança da Páscoa. Com os chifres enfeitados com bonitas fitas bi-cores, levados à sogá por belas e coradas moçoilas, com vestimentas características das lavradeiras da região, lenço de cores berrantes, traçado entre os seios tumefactos e o pescoço, onde brilha grosso cordão de ouro com uma libra esterlina, seguem os mais belos e possantes bois, que, de seguida terão por fim o matadouro. E é cada bicho de se lhe "tirar o chapéu", pesando qualquer deles umas boas dezenas de arrobas. Os marchantes seguem ao lado, cada qual esperando para o seu "representante", o elogio do melhor e mais possante. É um cortejo, ao mesmo tempo folclórico e etnográfico." Continuará hoje ainda essa tradição do cortejo dos bois da Páscoa?.

"Na sexta-feira, à tarde, o

dia Maior da tragédia religiosa, é na Sala de Visitas que vou assistir à passagem do féretro do Senhor, que é organizado na Matriz. Num completo silêncio e respeito decorre a Procissão do Enterro. Todos se benzem e ajoelham à passagem do esquife do Senhor que momentos antes, uma ou duas horas, tinha expirado. De regresso ao templo principal da Póvoa, sede da paróquia, preparam-se os fiéis para assistir ao sermão, que encerrará as cerimónias do dia."

À tarde e pelas primeiras horas da noite dentro, lembrando as Sete Estações de Roma, os fiéis percorrem sete igrejas e perante a nudez delas, apenas um quadro religioso lembra a quadra e incita à oração.

Chegados ao sábado, um dos dias mais ansiado pela miudagem "também eu arranji uma campainha para festejar a aleluia. Ela tem lugar na manhã, pelas onze ao meio dia. Apressado, para arranjar um bom lugar, segurando pelo badalo a campainha – não que é pecado tilintar antes da aleluia – sigo para a Matriz. Espero o momento em que é assinalada a Aleluia, e os panos pretos caiem e o deslumbramento das cores vivas ressurgem assinalando a ressurreição do Sal-

vador. E agora sim, já posso fazer tilintar o estridente som da campainha. Acompanhando os cânticos de exaltação do momento, os sinos de todas as igrejas poveiras, estão a ouvir-se e eu, como toda a catraçada exultamos de alegria."

E assim aquele sábado era um dia de folgança, é certo que não correspondia à verdade, até que, para estar conforme as escrituras um Concílio transferiu para a noite de sábado para domingo, essa cerimónia.

Domingo de Páscoa, "ainda posso ver a procissão da Ressurreição, mas esta porque percorre um trajecto mais pequeno, limitado desde a Matriz até dar uma volta pela Praça do Almada, tenho que me apressar para a ver.

E, agora, depois do almoço de festa, tenho que esperar que o Padre Américo Nilo, venha trazer de visita à nossa casa, o Senhor Ressuscitado. E enquanto ele não vem, no salão de provas da modista Dona Felicidade, os pares de enamorados, dão um pezinho de dança ao som da grafonola.

E quando o Compasso saía da nossa casa em visita pascal era certo e sabido que lá vinha a tia Maria com a frase:

"PRONTO, PASSOU A PÁScoa"

Aprovadas as contas da Câmara e da Varzim Lazer

Ana Trocado Marques

O Relatório e Contas de 2005 da Câmara da Póvoa foi aprovado com o voto contra dos vereadores socialistas. O PS considera que "quase tudo o que depende da gestão do executivo correu mal", já que as receitas só aumentaram devido ao aumento das taxas e impostos municipais, o investimento ficou aquém do esperado e as dívidas a terceiros ultrapassam 28,5 milhões de euros. A maioria, por seu lado, ressalta o índice de 98 por cento de obra feita e a poupança corrente de 6,8 milhões de euros como exemplos da boa gestão municipal.

"Cada poveiro suportou em 2005 um encargo médio de 500 euros em água, salubridade, resíduos sólidos, saneamento e impostos locais", afirmou Sousa Lima, do PS, no final da reunião do executivo, salientando que só desta forma é que a

autarquia conseguiu aumentar as receitas correntes.

O vereador socialista criticou ainda os 28,5 milhões de euros de dívidas a terceiros. Contas feitas, diz o socialista, dá uma dívida de 436 euros por cada poveiro.

O voto contra do PS deve-se ainda ao investimento que, nas contas socialistas, teria ficado 13 milhões de euros aquém do planeado.

No final, Macedo Vieira explicou a questão do investimento. "A realização do investimento é de 43 por cento, mas o índice de obra feita é de 98 por cento", afirmou o presidente da Câmara da Póvoa que explica que a diferença se deve a obras que foram feitas, mas ainda não pagas.

O autarca salientou ainda a poupança corrente de 6,8 milhões de euros, que, segundo o edil, espelha o "equilíbrio positivo do município", o que lhe permitirá realizar novos investimentos.

Quando à dívida, Macedo Vieira garante que no total desceu cerca de um milhão de euros relativamente a 2004.

Aprovadas foram ainda as contas de 2005 da Varzim Lazer, que voltou a dar que falar na reunião do executivo municipal.

O PS diz que o Relatório e Contas da Varzim Lazer (VL) "está mal elaborado" e é "confissão da inviabilidade da empresa". "Os *curricula* das pessoas eram desadequados a estas funções e isto está-se a revelar", frisou Sousa Lima, acrescentando que os novos administradores, liderados por Macedo Vieira, não têm "competência técnica" para os cargos.

O autarca poveiro contrapõe, afirmando que a Varzim Lazer está em "equilíbrio financeiro" e com um saldo positivo de 51 mil euros. Macedo Vieira lembra que o resultado da empresa só é

negativo devido à "amortização dos equipamentos".

O executivo aprovou ainda por unanimidade o pedido do Varzim para que a autarquia não exerça o direito de reversão sobre os terrenos do campo de treinos do clube. Aprovado o documento, o Varzim fica na posse plena do campo de treinos, podendo vendê-los para construção imobiliária, uma vez construída a nova "casa" do clube no Parque da Cidade. Apesar do voto favorável, o PS tem alguma reservas.

Recorde-se que, de acordo com o Plano de Urbanização (PU) da cidade, os terrenos do actual estádio e campo de treinos passaram a ter capacidade construtiva.

"O Varzim fez a escritura e pagou", explicou o presidente da Câmara da Póvoa, Macedo Vieira, salientando que só a aprovação do pedido fazia sentido já que o executivo aprovou o PU, que prevê a mudança de



Macedo Vieira seguido de Sousa Lima

utilização do solo na zona do actual campo de treinos.

De acordo com a escritura do campo de treinos adquirido pelo Varzim à Câmara, a autarquia poderia exercer o direito de reversão, caso fosse dada outra utilização ao recinto.

"Isto é um apoio", frisou Sousa Lima, que quis saber

quanto valem os terrenos do actual campo de treinos do clube. Apesar de terem votado favoravelmente, os socialistas queriam ainda saber que contrapartidas vai a autarquia receber. Sem explicações da maioria, votaram a favor, mas exigem pormenores na próxima Assembleia Municipal.

A tradição do Dia do Anjo já não é o que era

A fiscalização apertada nalguns locais e noutros a confusão perturba. Muitos poveiros já dispensam os piqueniques

Com o passar dos anos e, sobretudo, com a construção do IC1 em meados da década de 80, a tradição da "ida ao Anjo" foi perdendo força entre os poveiros.

"Desde que se fizeram as obras deixei de ir para o Anjo", contou ao COMÉRCIO Manuel Reina, referindo-se à construção do IC1 que destruiu parcialmente as bouças do lugar do Anjo, em Argivai.

Manuel Reina já perdeu a conta dos anos que tinha quando começou a rumar ao Anjo na segunda-feira de Páscoa para o habitual piquenique. Aos 79 anos, da infância guarda as memórias de quando ainda se ia para Argivai "a pé, a dançar e a can-



Maria João Barros

tar todo o caminho". "Ia com as seiras da comida e a dançar toda a viagem. Era uma alegria", recorda com sauda-

de. Mais tarde, "nos tempos da mocidade", a tradição manteve-se.

"O Anjo era uma alegria e

uma tradição riquíssima. Levava-se rojões, gambitos de raia, bolinhos de bacalhau, a broa e, claro, o garrafão do vinho. Dançava-se, comia-se e depois voltava-se a dançar e cantar toda a tarde. À tardinha voltávamos a pé e a cantar. Íamos todos para o mesmo sítio. Juntávamo-nos com os vizinhos e com toda a família", explicou Manuel Reina.

A "ida ao Anjo" era, naquela altura, um acontecimento, sobretudo para a mocidade, que aproveitava os pinhais e as danças para os namoricos. "Muitos namoros se formavam e muitos casamentos começaram mesmo ali", contou ainda Manuel Reina.

A família Reina deixou, a meados da década de 80, as bouças do Anjo e passou a rumar aos pinhais de Apúlia e Ofir (Esposende). Agora, queixa-se Manuel Reina, até essas matas deixaram de ser destino.

"Agora proibem os carros de entrar e não se pode levar fogareiros", explicou Lindalva Reina.

É que a zona está integrada na Área Protegida do Litoral de Esposende (APLE) e passou a ter regras específicas para a realização de piqueniques, particularmente vigiadas na segunda-feira de Páscoa, devido ao enorme afluxo de pessoas àquele local após a destruição de parte das bouças do Anjo.

Este ano, a zona de Apúlia

e Ofir volta a estar sobe vigilância na segunda-feira de Anjo, com reforço do policiamento. Continua a ser proibido entrar com carros nas matas e fazer fogueiras.

"Antigamente as tradições da Páscoa eram uma 'loucura'. Agora tudo se perdeu. A mocidade já não quer essas coisas e os poveiros quase deixaram de ir ao Anjo", queixa-se Lindalva Reina.

Agora a família procura os pinhais do concelho de Vila do Conde, mas a festa já perdeu grande parte do brilho de outrora e muitos dos vizinhos já deixaram de ir.

"Nunca mais torna a tradição igual", rematou Manuel Reina.

Ana Trocado Marques

Uma tradição com quase 100 anos

A ida para o Anjo remonta a 1924 com a cisão da Banda Musical Povoense, conforme explica o livro "Paisagem Poveira" de Júlio António Borges. Os elementos dissidentes formaram a Sociedade Musical Banda Povoense, mais conhecida por Banda dos Passarinhos. O outro grupo formou a Associação Musical Banda Poveira ou Banda dos Malhados.

Com graves carências financeiras, a Banda dos Passarinhos organizou, em 1928, uma festa popular no lugar do Anjo (em Argivai),

com um sorteio para atrair os visitantes. O evento ficou conhecido por "Festa da Hera", já que à entrada da festa um grupo de meninas esperava os foliões com uma folha de hera onde estava escrito "Festa da Hera - 1928". Em troca era pedido um donativo para a Banda dos Passarinhos.

Na segunda-feira de Páscoa depois do almoço, a Banda dos Passarinhos dirigiu-se para Argivai, acompanhada por um grande número de poveiros, atraídos pelo concerto e pelas barracas de comes e bebes instaladas na

bouça. Durante a tarde, o comércio local da cidade encerrou para que o maior número de pessoas pudessem assistir ao espectáculo e muitos partiram rumo a Argivai com farnéis recheados de petiscos. A ideia da festa pegou e tornou-se uma tradição da cidade.

Anos mais tarde a "Festa da Hera" acabou, mas ficou a tradição da "ida ao Anjo" na segunda-feira de Páscoa, altura em que as bouças do Anjo e da Carvalheira são animadas com os piqueniques.

O programa das celebrações pascais

Os festejos pascais prosseguem hoje com a Missa Vespertina, o Sermão do Mandato, a Cerimónia do Lava-Pés, e a Procissão Eucarística. À noite efectuar-se-á a tradicional visita às igrejas e capelas.

Amanhã, Sexta-feira Santa, às 15H00 celebra-se a Paixão do Senhor (Via-Sacra, Liturgia da Palavra, Paixão do Senhor, Adoração da Santa Cruz, e Comunhão Eucarística) e, pelas 21,30, na Igreja Matriz, será proferido o Sermão do Entero, antes da saída da procissão.

Esta terá cânticos alusivos em quatro pontos do seu percurso: Largo do Cruzeiro (pelo Coral "Ensaio"), junto à Capela de S. Tiago (Capela Marta), perto do Posto de Turismo (Coral Misto da Matriz) e na Capela de Nossa Senhora das Dores (Polifónico Ala Arriba).

No Sábado Santo, dia 15, às 22 horas, ainda na Igreja Matriz, terá lugar a Vigília Pascal e a Missa da Ressurreição (Bênção do Lume, Liturgia da Palavra, Glória, Liturgia Baptismal, Bênção da Água e renovação das promessas do Baptismo, e Liturgia Eucarística).

No Domingo de Páscoa, pelas 8,30 horas celebra-se, na Igreja Matriz, a Eucaristia, estando a Procissão da Ressurreição programada para as 10 horas, uma hora e meia antes de ser celebrada uma Missa Solenizada.

A partir das 14,30 horas, começa a Visita Pascal que terminará por volta das 19H00. Os elementos nessa visita participarão depois num cortejo festivo, entre a Praça do Almada e a Igreja Matriz para a qual está marcada (19H30) uma Eucaristia.

O CAFÉ DA GUIA

José de Azevedo



Correr as igrejas

Para a comunidade piscatória poveira, a quadra da Páscoa era uma época sagrada, carregada de um simbolismo muito peculiar. Vestia-se roupa nova, esfrega-se o soalho das casas com sabão amarelo para receber o Compasso, no almoço do domingo de Páscoa o "arroz de cabidela" era ementa obrigatória e na *segunda-feira do Anjo* ninguém ia à pesca. Chegada a Quaresma acatava-se o jejum, evitavam-se as cantorias, não havia ordem para tocar qualquer instrumento e as pessoas vestiam de escuro evitando cores garridas. Havia o mais profundo culto pela semana da Paixão.

A quaresma tinha (ainda hoje tem) um significado muito especial para a classe. Talvez pelo destemor e respeito pela vida, invocando a sua crença religiosa a cada instante nas suas frágeis embarcações, o certo é que o pescador da Póvoa, aquele que nasce, vive e pensa que pode morrer no mar, venera os "Santos Passos" e a "morte do Senhor" com uma fé inquestionável e grande respeito.

As cerimónias da Quaresma, que se realizam na Póvoa com sumptuosidade e extrema devoção, remontam ao ano de 1687, com origem na Ermida da Mata, onde hoje se situa a Igreja da Misericórdia. Aí se venerava Nossa Senhora do Rosário, de grande devoção do piloto-mor poveiro António Cardia e de sua filha Mónica Cardia.

Foi com o testamento desse oficial da Armada que as cerimónias da Semana-Santa se iniciaram, realizando-se desde essa data até os dias de hoje, sob a responsabilidade da Confraria do Santíssimo Sacramento, com assento na Igreja Matriz. Esse legado, obrigava as confrarias do "Santo Nome" e dos "Santos Passos", às seguintes cerimónias: *ofícios das trevas na quarta-feira de tarde que se acabam à hora das Trindades; e na quinta-feira seguinte se exporá o Santíssimo com o acatamento devido, e de tarde se fará o ofício acostumado; e na sexta-feira se fará também, como é costume nas igrejas e aqui com a Procissão do Enterro do Senhor; e no sábado se fará o ofício das Fontes com declaração de que na quinta-feira de todos os anos se fará o sermão da Paixão do Senhor pelas nove horas da noite.*

A Quinta-feira Santa, a Exaltação da Cruz, Procissão do Enterro do Senhor e os Santos Passos, eram inigualáveis manifestações de fé que atraíam à Póvoa (e ainda atraem) milhares de forasteiros.

De acordo com os assentos paroquiais do século dezoito, a *Festa dos Passos* (Procissão e arraial) custava uma pequena fortuna para a época. Vejamos os gastos no ano de 1724: *aluguer de máscaras, 560 reis; para os gaiteiros, 840 reis; um carro de lenha para a fogueira, 200 reis; gastos com os dançantes e com a rabeça da dança, 200 reis; tocar o tambor de guerra no dia da festa, 300 reis.*

Para a Póvoa de Varzim, e sobretudo para a sua colmeia piscatória, o período Pascal revelava-se tão inédito e rigoroso na prática do culto que os poveiros que se eximissem à *participação das despesas para a celebração da Quaresma, como o enfeite dos seis Passos existentes nas ruas da vila ou custeando os "anjinhos" para Majestosa Procissão do Senhor Morto, eram condenados por crime de perjúrio, multados ou privados de todas as regalias... salvo mandando Sua Majestade o contrário.*

Foi desta maneira, envolvendo e comprometendo a comunidade, que a Póvoa se assumiu como terra de grandes e arreadas tradições quaresmais. Vive-se a quadra Pascal com tal intensidade que nenhuma outra terra do litoral se lhe compara. Algumas cerimónias e tradições quaresmais, tanto religiosas como profanas, eram de tal forma grandiosas e singulares, que mais pareciam "saídas de uma outra liturgia". Tal como inventou leis comunitárias, o poveiro inventou igualmente facetas muito particulares – e populares – para comemorar a Ressurreição do Senhor. As cerimónias religiosas, o poveiro juntou-lhe

algumas tradições profanas como "O Jogo da pela", "A ida à hera" nos muros da Giesteira e Argivai, "Autos, Bailes e Cenas-representações ao vivo na Igreja da Misericórdia", "Serra-essa-velha", "Testamento do Judas", "O Passeio dos Bois da Páscoa", "Ir buscar a rosca (de trigo) ao Padrinho", "As danças e cantares no fim-de-tarde do Domingo de Páscoa", e "Ida ao Anjo", na segunda feira seguinte, fazendo da quadra de Páscoa, não só tempo de oração e de reflexão, como uma festa de família, alegre e colorida.

Correr as igrejas

Dentro do programa das cerimónias da Semana Santa, destaca particularmente a noite de quinta-feira, noite de visita às nove igrejas da Póvoa, peregrinação caseira a que o povo crismou desde sempre como a "noite de correr as igrejas". Adaptando as características próprias da sua comunidade, os templos poveiros abrem ao fim da tarde as suas portas para apresentar quadros bíblicos ou bonitos arranjos de flores em devoção ao Santíssimo Sacramento. Não sei se outra terra faz algo semelhante. O que se faz na Póvoa é um hino à criatividade, arte e imaginação. Um testemunho de fé cristã de grande dimensão, a servir de exemplo nos tempos de hoje, quando a Igreja Católica vê "fugir" muitos dos seus seguidores.



Aspecto de uma "Serra-essa-velha"
(Foto de Neca Morim)

Todos os templos (salvo uma ou outra excepção ocasional) encenam Passos do Calvário ou mensagens alusivas à palavra do Divino Mestre. A Igreja da Lapa, lembrando a "Barca do Senhor", a Misericórdia "O Jardim das Oliveiras", a igreja das Dores "O Calvário", São José e Matriz, mostrando paramentos e objectos de culto com artísticos arranjos florais, Desterro e Coração de Jesus, com arranjos no altar-mór e São Tiago, com a "Crucificação". Fugindo ao tradicional, a Capela do Bonfim apresenta, ao vivo, cenas da vida do Senhor.

Sou um apaixonado pelos quadros vivos da Capela do Bonfim tal como milhares de crentes que a visitam. A partir do início dos anos oitenta, um grupo de residentes nos bairros da Matriz e Nova Sintra, resolveram (em boa hora) transformar os quadros bíblicos (estáticos) em encenações vivas. Cenas da Vida da Paixão do Senhor com interpretações ingénuas, muito amadoras, todas elas glorificando o martírio de Jesus, oferecendo o drama do Calvário como tema de oração e reflexão para quem segue os evangelhos. Tal como diria o Bispo D. Joaquim Gonçalves, "a fé não pode ser peça de museu; a igreja deverá ser viva e dinâmica". Manuel Leite, José Maria Lomba, Luís Leal, Iva Neiva e alguns outros "ensaiadores", interpretaram da melhor maneira a ideia de uma "igreja viva e de um Deus vivo". Arranjaram um grupo de artistas amadores e resuscitaram na noite de Quinta-Feira Santa muitos dos Autos ou Cenas apresentadas na Igreja da Misericórdia nos séculos

dezoito e dezanove. Estava ali a vida de Cristo com música de Frei Hermano da Câmara, guarda-roupa da época e efeitos ajustados. Estava ali Pilatos, Herodes, Barrabás, Maria Madalena, Jesus e os soldados romanos com sotaque poveiro. O povo orava e interpretava o significado daqueles quadros bíblicos ao vivo, tendo como cenário as muralhas de Jerusalém. Tudo muito simples e primitivo, para que toda a gente entendesse a mensagem do Salvador.

O povo acorre em grande número e enche repetidas vezes a capela, entusiasmando-se com as representações e identificando os seus personagens. O povo chora ao ver os "algozes do Senhor" – o bom e o mau ladrão, a tragédia do Calvário e a contemplação de Maria Madalena. Há quem repita a "cena" conferindo as personagens de acordo com a doutrina que lhes foi ensinada. Gente simples que interpreta à sua maneira, aquelas cenas teatrais, emprestando-lhe um toque de inocência e, ao mesmo tempo, de humor.

É uma pena não haver um documentário televisivo ou registado municipal destes quadros para memória futura.

Serra-essa-velha

Das tradições profanas recordo com saudade (hoje, quase não se faz...) a *serra-essa-velha*. Costume curioso, vivido pela rapaziada espigadota do meu tempo, a meio da Quaresma. Depois de um estudo prévio da população mais idosa das redondezas, um grupo de rapazes, geralmente com a cara enfarruscada como disfarce, dava uma volta pelas casas da vizinhança galhofando com a vida privada das simpáticas velhinhas lá residentes, geralmente com fama de rezingonas e pouco sociáveis. Segundo o "chefe da seita", a escolhida tinha no seu currículo algum "defeitozinho". Quatro rapazes, os mais entroncados, suportavam uma *carrela* (padiola), transportando em cima um comparsa galhofeiro e atrevido que, fantasiado e acompanhado de um serrote e um pedaço de madeira, entoava quadras espirituosas alusivas à vítima, enquanto fingia que serrava. Uma crítica de costumes ao jeito de "cantigas de maldizer".

A finalidade da farsa era lembrar que a "visada" estava na idade de descansar, não se preocupar com a vida alheia, gozar a idade com boa mesa e boa cama e que os filhos tinham a obrigação de a tratar bem.

Além do solista (que suportava a ira, e muitas vezes a va-soura – entre outras coisas menos simpáticas – da visada) havia um grupo de acompanhantes que utilizava os mais variados "instrumentos": tachos, reco-reco, ferrinhos, pinhas, bombo, castanholas e outros.

Eis um exemplo, ao acaso, uma *serra-essa-velha*, recordando os anos cinquenta:

A Tia Parracha
Vai á loja às pinhas
Só para saber
A vida das vizinhas

Coro
Serra-essa-velha
Em cima dum acha
Quem vai a serrar
É a Tia Parracha.

Claro que o "cortejo" nem sempre era bem recebido. Vi, algumas vezes, o rapazio a fugir, a sete pés, perseguido pela família da "vítima", deixando a *carrela* para trás. Também presenciei a *serra-essa-velha* a ser bem-vinda, com o refrão entoado por toda a família e com a visada a "ajudar à missa" com tiradas bem humoradas a propósito.

N. A.: Na última crónica sobre "Jogos", saiu São Ciro, quando queria dizer San Siro.

S
COELHOS
SEGUROS

MEIO SÉCULO DE EXPERIÊNCIA
SEMPRE PERTO DE SI...

Avenida Mouzinho de Albuquerque, 44 - R/C • 4490-409 Póvoa de Varzim • Tel.: +351 252 298 070 • Fax: +351 252 298 071

Agente principal **Z** ZURICH